

# FORMAÇÃO ESPORTIVA: TEORIA E VISÕES DO ATLETA DE ELITE NO BRASIL

## SPORTING FORMATION: THEORY AND VIEWS OF THE ELITE ATHLETE IN BRAZIL

Lila Peres\*  
Hugo Lovisolo\*\*

---

### RESUMO

O artigo descreve o “tecido” de desenvolvimento dos atletas comparando-o ao “ideal”. A descrição foi construída a partir das quatro fases do desenvolvimento do atleta de elite (DURAND-BUSH; SALMELA, 2004), cruzadas com o sistema de preparação esportiva, organização e bases (PLATONOV, 2004). Destacam-se os fatores que atuaram nas trajetórias dos atletas entrevistados: família, o binômio escola-clubes e a participação do professor de educação física na especialização esportiva e o reconhecimento da relação treinador-atleta no aperfeiçoamento técnico-tático. É reconhecida a plena satisfação dos atletas na fase de manutenção. A gestão do esporte apresentou-se como obstáculo; a forma de avaliação pautou-se no desempenho em competições desde a fase de iniciação. Os atletas brasileiros, embora o reconheçam, não destacaram o talento como um aspecto principal. Apesar de submetidos a um processo informal e descontinuado, observou-se que etapas e fatores incidentes no desenvolvimento do atleta de elite são similares aos relatados na literatura especializada.

**Palavras-chave:** Fatores do Desenvolvimento do Atleta de Elite. Sistema de Preparação. Gestão Esportiva.

---

### INTRODUÇÃO

Houve no mundo do esporte, ao longo do século XX, uma sistematização do desenvolvimento do esporte a partir de políticas públicas ou privadas que tinham como elementos centrais a captação de talentos esportivos e a formação de esportistas mediante sistemas de treino.

O exemplo público sempre mencionado é o da ex-URSS, com os institutos estatais de desenvolvimento do esporte de alto rendimento, na Ucrânia e em Moscou, com os fundadores teóricos dos anos 50 a 70 na área, como Bulgakova e seus sistemas de seleção desportiva de preparação a longo prazo, Ozolin, com a organização de um sistema moderno de treinamento, e Matveev, na elaboração de bases metodológicas para o treinamento desportivo; e do lado privado, o caso dos Estados Unidos no plano das instituições educativas e empresariais

na participação direta no suporte ao desenvolvimento de seus atletas de elite.

Ambos os modelos inspiraram políticas e deixaram como saldo um amplo conhecimento no campo da formação e treinamento de atletas. Consideramos que a literatura sobre o tema sistematiza e consolida essas experiências, formando um modelo ideal, normatizando e criando protocolos de intervenção. A revisão da literatura permitiu estabelecer as principais recorrências entre os autores. Digamos que eles nos falam do tecido “normal”.

Por outro lado, em países como o Brasil, que, embora tenha referências no campo - como Dr. Mauricio Leal Rocha, que na década de 1970 iniciou o Projeto Brasil<sup>1</sup> e desenvolveu uma produção científica historicamente importante para o contexto brasileiro no LABOFISE, na UFRJ<sup>2</sup> -, assim como o Dr. Manuel Gomes Tubino - consagrado e internacionalmente reconhecido por seus pareceres sobre uma metodologia científica do

---

\* Mestre. Professora de Educação Física.

\*\* Doutor. Professor Adjunto da Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

<sup>1</sup> Um projeto nacional de avaliação de aptidão física nos anos 70.

<sup>2</sup> Laboratório de Fisiologia do Esporte - Universidade Federal do Rio de Janeiro.

treinamento desportivo –, temos tido uma política do desenvolvimento esportivo habitualmente caracterizada como errática, a qual parece sempre estar recomeçando, apresentando-nos um tecido “anormal” em relação aos modelos.

Neste artigo pretende-se, de modo sintético, descrever o tecido real ou existente, a partir da perspectiva dos atletas entrevistados.<sup>3</sup> No trabalho usamos o modelo do tecido “normal” como referência, como um ideal, para detectar diferenças e semelhanças na seleção e formação de nossos atletas. Destacamos que, apesar da “anormalidade” do nosso tecido, temos tido êxitos relativos em vários esportes, além do futebol: voleibol, natação, vela, hipismo e outros. Sem o sistema – que resulta de ação política, pública ou privada, continuada – temos que reconhecer que foram encontradas soluções, embora parciais e talvez precárias, que possibilitaram o paradoxo da “normalidade” na “anormalidade”.

De modo geral, os atletas de elite percorrem os três estágios – iniciação, especialização e aperfeiçoamento – do desenvolvimento do talento, e somente alguns vivenciam o quarto estágio – manutenção (BLOOM, 1985; DURAND-BUSH; SALMELA, 2004). Esses estágios são observáveis por seus aspectos específicos e pelas transições entre eles, marcadas por significantes fatores sociais e psicológicos, que consideramos pertinentes ao nosso estudo, pois delineiam o processo de formação e treinamento relatado a partir das experiências e pontos de vista dos atletas. Como exemplo podemos citar a primeira convocação para a seleção brasileira, com mudança de categoria, pelas exigências de treinadores, na recuperação de lesão, na escolha do esporte a que se dedicaria e pela participação em olimpíadas, entre outros fatores.

O estudo pôde perceber que atletas de elite começam sua incursão no esporte que o levará ao esporte de alto rendimento, majoritariamente, dentro da faixa etária de 7 a 12 anos, período crítico e sensível teoricamente identificado

como favorecedor do desenvolvimento da capacidade de aprendizagem motora, capacidade de condução e diferenciação, capacidade de reação visual e acústica e capacidade de equilíbrio (LOPES; MAIA, 2000). As relações sociais significativas, no decurso da sua formação esportiva, foram primordialmente as da família, das instituições escolares e dos clubes.

A análise da formação e desenvolvimento dos atletas de elite, a partir de sua trajetória esportiva, confirma que a família, tanto no aspecto de orientação à prática esportiva quanto no suporte emocional e financeiro, independentemente do estilo de vida do grupo familiar, é o agente social que mais contraccena com o atleta – é, portanto, o principal coadjuvante nesse processo. A motivação, os recursos, o encorajamento e o acompanhamento são demonstrados em nossa pesquisa como principais aspectos relacionados à influência da família nessa fase (CÔTÉ, 1999; GOULD, 2005; DURAND-BUSH; SALMELA, 2004).

As estruturas socioeconômicas diferenciadas das famílias não demonstraram divergências no suporte motivacional dado aos filhos quanto à prática esportiva. Todas tinham o esporte como elemento cultural importante para a formação de seus filhos. Não obstante, famílias menos favorecidas economicamente, embora sustentassem o apoio às escolhas e a paixão pelo esporte e mantivessem a não-cobrança para o sustento da família (MORAES; RABELO; SALMELA, 2004), dividiram, com maior intensidade, a co-orientação da prática esportiva com a escola. As famílias de classes mais abastadas já haviam inserido em seus estilos de vida a associação a clubes, reconhecidos por elas como instituições de suporte primário na iniciação esportiva, embora também tenham tido influência e formação nas escolas.

Aspecto a ser destacado é a importância, destacada nos discursos dos atletas entrevistados, da educação física esportivizada na escola como forma de vivenciar diversas modalidades esportivas e informar-se acerca desse elemento cultural, identificado como importante pelas famílias e pelos próprios atletas. Pelo fato de a iniciação esportiva de atletas ser propiciada tradicionalmente no espaço escolar -- embora em condições

<sup>3</sup> Referências detalhadas e analíticas podem ser encontradas em Perez (2005). A pesquisa foi baseada em entrevistas abertas com atletas medalhistas em competições olímpica, mundial e pan-americana de diversas modalidades esportivas.

geralmente deficientes em termos de instalações e equipamentos e com baixa carga horária de prática -- essa questão não pode ser subavaliada nas discussões do tema. O aprimoramento desse processo já instituído, mesmo que reconhecidamente precário quanto às propostas de mudanças, deve abarcar a complexidade da relação entre iniciação esportiva e escola.

Por outro lado, é no clube que deságuam os iniciantes a caminho da especialização e do aperfeiçoamento esportivo, embora a participação desse agente seja reconhecida como primordial também na iniciação, por conta do acesso a uma diversidade de modalidades no sistema de escolinhas de esporte. Na prática, a força do binômio escola-clube ainda é notadamente importante no processo tradicional de formação de atletas no Brasil. O agente que assiste a esse binômio é o professor de educação física, identificado pelos atletas do estudo como um dos principais co-autores nas “primeiras letras” no esporte e condutor na transição do estágio de iniciação ao estágio de aperfeiçoamento.

A experiência proporcionada pela diversidade de modalidades esportivas ou multiesportivas, tanto no clube quanto na escola, é o modelo de experiência na iniciação esportiva caracterizador do processo de formação do atleta no contexto brasileiro. A escolha dos esportes dentro dessa fase é orientada pelo gosto, pelas possibilidades de prática nas escolinhas do clube ou pelo projeto pedagógico da escola. Portanto, mesmo sendo um processo sem mecanismos de controle ou planejamento em suas diretrizes, a vivência multiesportiva é, marcadamente, um fator social na formação do atleta de elite no País, como indicado pela teoria (PLATONOV, 2004).

Além desse contexto geral, o estudo pôde distinguir aspectos destacados, nas modalidades esportivas participantes na pesquisa, quanto à participação da família e à orientação de atividades. Mais especificamente, no caso da vela, a tradição das famílias no esporte, além de ser o principal agente motivador de práticas esportivas, é reconhecida como o principal definidor do esporte de especialização, que na verdade está presente na sua iniciação esportiva de forma particular e intensa. A configuração de um estilo esportivo familiar tradicional parece

reproduzir ciclos de dinastias da vela no Brasil, que invariavelmente são de famílias “de gringos”, como comumente alguns dos atletas ditos brasileiros (os Ferreiras, os Soares etc.) costumam referir-se aos Brunns, Adlers, Scheidts, Schimits, Graels e outros. Ressalta-se o fato de que essas famílias têm, invariavelmente, origens em países com as “adriças”<sup>4</sup> culturais ajustadas com a atividade de velejar.

Ainda no plano da tradição, embora não tenha reproduzido o modelo de “dinastias”, a atleta de saltos ornamentais relata a tradição “interna” que acontece em seu caso, em que a família – pai, mãe e filhos – são saltadores e reconhecidos nacionalmente por isso. No seu caso, o pai orientou-a na experiência multiesportiva com os critérios de variação entre os esportes individuais e coletivos e o bom desempenho e dedicação para as mudanças entre eles, inclusive para se iniciar no salto.

Em ambos os casos, vela e saltos ornamentais, os primeiros treinadores foram parentes, que também os acompanharam por um período importante da carreira. Esse modelo de pais ou familiares treinadores também aparece nos trabalhos de Durand-Bush, para quem as mudanças do modelo acontecem diante das novas exigências na performance de excelência.

As competições estiveram presentes a partir do estágio de iniciação, através de jogos escolares e competições internas de escolinhas de esporte, reproduzidos e adaptados do modelo de grandes eventos esportivos. Entretanto, para Platonov (2004), tais eventos poderiam ser considerados competições de motivação, preparação e treinamento precoce, no sentido de desempenho, para a faixa etária regular da fase. Além disso, foi reconhecido um modelo efetivamente de “alta” performance para dois dos atletas que já participaram de competições oficiais nessa fase, submetidos, portanto, a rotinas de treinamento.

O principal obstáculo avaliado pelos sujeitos da pesquisa nessa fase foi a falta de um sistema de descoberta de talentos esportivos, que deixou o surgimento de um novo atleta submetido ao acaso ou à prática – ou seja, sem intervenção de uma política ou programa de

<sup>4</sup> Cabo ou corda que se utiliza para içar velas.

formação de atleta. Foi observado também que a descontinuidade da figura do ídolo atrapalha o desenvolvimento do esporte, pois enfraquece o interesse dos novos talentos através das gerações.

Um obstáculo referido de forma particular por um dos atletas foi o atraso em ingressar no esporte de especialização, por conta de critérios definidos a parte da sua motivação. O atleta prorroga a especialização, embora já tivesse decidido ir para o pólo aquático, pois seus resultados eram promissores na natação e a família ainda o avaliava como necessário para sua saúde.

A natação, o handebol, o futebol, o judô, a ginástica artística, o tênis, a vela e o balé foram as atividades esportivas relacionadas pelos atletas do estudo na iniciação esportiva. Entretanto, a argumentação quanto à funcionalidade no aprendizado esportivo é restrita à natação. Esse aspecto, juntamente com o sistema de competições precoces, parece obrigar o iniciante à participação por tempo superior ao que ele considera necessário ou durante o qual ele se reconhece motivado a participar desse esporte, o que é singular num rol de tantos esportes.

Podemos dizer que esses fatores contribuem para a avaliação negativa da prática da natação, tida como um esporte chato de treinar e competir: “ficar lá contando ladrilho” ou “competir toda vez com seu amigo de equipe, é meio falso” para o praticante não identificado com a natação como seu esporte de escolha. Outra característica que é referida à natação mas se pode observar em outros esportes que tenham relação de esporte-base e esporte-fim é a falta de um sistema orientador, que acaba gerando conflitos pela retenção de atletas na natação, uma vez que, além de se constituir em um esporte-base — formação básica quanto a habilidades e aptidões motoras em meio aquático — é um esporte-fim, que tem em si mesmo seu sistema de competição e treinamento.

De modo geral, a transição para a fase de especialização se dá pelo exemplo de irmãos, por orientação dos pais, a convite de um amigo, por orientação do professor de educação física — ou seja, é oportunizada por agentes de seu convívio próximo. Não houve nessa transição

intervenção de nenhuma instituição esportiva, seja federação seja clube, exceto no caso do atleta de remo, em que o professor de educação física, junto com um clube local, apresentou uma palestra na escola e ofereceu a oportunidade de experimento do remo. Neste caso, os alunos convidados foram submetidos a testes de aptidão física.

Esse singular exemplo se aproxima de uma sistematização de seleção e desenvolvimento de talentos. O clube aparece aí como o espaço de experiência esportiva para as novas metas do iniciante esportivo, uma vez que estão nessa instituição as equipes e as comissões técnicas adequadas.

Inicialmente, os fatores que consolidaram o iniciante esportivo no esporte de especialização foram: suporte familiar, convívio com amigos, motivação e encorajamento dado por treinadores, reconhecimento de talento, base em outro esporte, mídia, estrutura do clube e bom desempenho em competições. Em períodos posteriores, foram importantes para a permanência e definição da carreira esportiva: a possibilidade de estabelecer intercâmbio entre atletas de várias categorias, inclusive com os ídolos do esporte; a profissionalização; a convocação para seleção; intercâmbio com outros países; o gosto por treinar; a identificação de uma personalidade de atleta; o gosto por desafio e as boas competições.

Os fatores que atuaram como obstáculos na carreira do atleta no estágio de aperfeiçoamento foram: o afastamento da família para estabelecer-se em algum centro de treinamento, mudanças e irregularidades nos estudos, a falta de incentivo ao aperfeiçoamento de treinadores, recuperação de lesões, falhas no suporte financeiro e falta de preparação de longo prazo.

Dentro das faixa etária de 12 a 15 anos, o treinamento foi reconhecido como uma rotina de intensa a muito intensa por seis dos atletas, e de intensidade gradual, de moderado a forte, por cinco deles. Nesse momento a intensidade do treinamento, de certa forma, parece fazer a transição da fase de especialização para a de aperfeiçoamento de forma menos contrastante, uma vez que não existem diferenças significativas.

A faixa etária do começo da experiência na fase de aperfeiçoamento está entre 15 e 18 anos,

época da puberdade, período indicado por alguns autores da área como sensível para o treinamento de força, resistência e velocidade (Lopes e Maia, 2000). A avaliação do desempenho foi pautada nos resultados de competições junto com as convocações para seleções brasileiras, além de convites para treinamento e representação de instituições fora do país. A carga de treinamento é reconhecida como mais intensa e especializada.

É nessa fase que o atleta se aproxima realmente de suas aspirações e ingressa no “plano de carreira” do esporte, passando pelas categorias de sua modalidade, vislumbrando efetivamente a participação em campeonatos mundiais e pan-americanos e em olimpíadas.

Os atributos dos atletas aparecem como esteio dessa fase definitiva em sua carreira. O rigor, a objetividade, liderança, maturidade, dedicação e o gosto pela rotina de treino, autocrítica e a paixão pelo esporte são fatores primordiais nesse momento da carreira. Junto com estes, podemos incluir como de semelhante importância os atributos relacionados aos treinadores no tocante à qualificação do seu conhecimento técnico para além das características relacionadas ao seu perfil psicológico, compondo um repertório dos seguintes aspectos fundamentais: liderança e bom relacionamento treinador-atleta, mas, principalmente, planejamento de desafios, interesse em aperfeiçoar-se, intercâmbio para atualização técnica e cargo de exclusividade, no caso das seleções nacionais.

O aperfeiçoamento técnico é claramente reivindicado para toda comissão técnica, que invariavelmente deve ser composta por treinador e auxiliares, preparador físico, nutricionista, fisioterapeuta e médico. O psicólogo esportivo não foi listado espontaneamente nas entrevistas, exceto em uma, e quando questionado sobre sua preparação psicológica, o atleta atribuiu sua formação e treinamento neste aspecto ao que foi cumprido pelos treinadores e por ele próprio. Mais exatamente, a própria prática esportiva favorece tal preparação. Todavia, a preparação psicológica é reconhecida como possível forma de contribuição para a motivação, controle de ansiedade, mediador dos relacionamentos na equipe ou reforço visual das jogadas treinadas.

Dentro desta perspectiva, a prática de ioga foi citada por dois dos atletas como prática individual auxiliadora na preparação, praticada fora do seu próprio sistema de treinamento: um teve contato pelos ensinamentos do pai e o outro, por observar atletas do judô que lançam mão desse recurso para obtenção de bom desempenho quanto à concentração e foco. Por outro lado, os atletas ressaltaram a importância do gerente esportivo junto à comissão técnica, como forma de constituir um modelo profissional no esporte de alto nível.

Outros dois fatores relativos a essa fase aparecem como fundamentais: profissionalização e intercâmbio com equipes internacionais. O primeiro se caracteriza pela dedicação exclusiva, necessária para que um atleta alcance resultados no alto rendimento; e o segundo reforça a qualificação técnico-tática do atleta para os mesmos fins.

Mesmo exercendo influência moderada, a renovação de atletas para a ascensão nas categorias, a manutenção da competitividade interna das equipes, o apoio estrutural da confederação e do patrocinador; o apoio da família e amigos; a estrutura dos clubes ou equipes e os benefícios da lei de incentivo ao esporte foram reconhecidos como fatores significativos.

Os obstáculos identificados na fase de aperfeiçoamento foram classificados em cinco categorias, complexamente relacionadas entre si quanto à dimensão de atuação: a) pessoal; b) treinamento; c) treinador; d) esporte e e) direção do esporte.

Na dimensão pessoal, os fatores que causam enleio nesse momento da carreira são: a) o afastamento ou atraso nos estudos universitários, o que está relacionado à insegurança da carreira esportiva e mantém a importância de constituir uma nova carreira paralela à carreira esportiva; b) insegurança financeira, ainda que o profissionalismo esteja presente, a essa altura, como elemento indispensável; c) transição de categoria no enfrentamento de novas metas e limitações; d) lesão e queda de desempenho, que são fatores de desmotivação e insegurança.

O afastamento das relações sociais é aspecto referido na literatura (DURAND-BUSH; SALMELA, 2004). Entretanto, em nosso estudo esse aspecto foi reconhecido apenas por um dos

entrevistados, que lamentava não participar tanto do convívio familiar, por causa das viagens. A maioria atribuiu pouca significação a esse fator, pois é no meio do esporte que estão seus amigos mais próximos e os que estão fora entendem os horários e hábitos diferenciados, que não são considerados como obstáculos à manutenção do convívio.

Na dimensão do treinamento, os obstáculos identificados são essencialmente a falta de suporte técnico completo e regular – treinadores, preparadores físicos, nutricionistas e outros – e a falta de planejamento e estrutura no longo prazo.

As questões encontradas atribuídas aos treinadores referem-se à sua formação e aperfeiçoamento, à falta de treinadores de excelência, à falta um plano de carreira para os treinadores e ao critério de convocação de treinadores para a seleção brasileira, por conta da não-exclusividade do cargo na confederação. Este último tem íntima interação com as questões do próprio esporte, que enfrenta também as dificuldades do baixo número de praticantes em algumas modalidades, a desinformação ou baixa divulgação e a falta de tradição do esporte no País.

A “dirigência” do esporte é indicada como obstáculo por conta da desqualificação dos dirigentes esportivos, que em geral não são profissionais e não têm conhecimento técnico na gestão esportiva, e da má condução das funções das instituições no tocante à administração dos recursos financeiros, ao descumprimento de deveres, ao abuso de poder do cargo e à própria estrutura da federação ou confederação, que perpetuam a centralização das decisões e os dirigentes em seguidas eleições.

Um caso particular é o do pólo aquático: os entrevistados reivindicam a emancipação do esporte. A justificativa da reunião dos esportes aquáticos numa confederação se faz apenas pelo meio físico onde é praticado o esporte, sendo que as diferenças dos meios de gestão entre esporte coletivo e esporte individual merecem maiores considerações.

Um fator de dificuldade pontualmente identificado pela atleta de nado sincronizado reside na discriminação que a equipe brasileira vivencia em campeonatos internacionais, por conta da falta de tradição do País no cenário mundial do esporte. O modelo de arbitragem do

nado sincronizado é por júri, como na ginástica artística ou nos saltos ornamentais. No entanto, a avaliação do nado, segundo a atleta, não tem parâmetros reguladores para a arbitragem, como, por exemplo, o critério de rotina dos saltos ornamentais ou o da ginástica artística, de avaliação por dedução de pontos correspondentes às faltas cometidas e aos exercícios obrigatórios não executados. Na sua avaliação, as equipes estão vulneráveis à avaliação subjetiva, segundo a qual, em vista disso, o mérito da tradição interfere nos resultados nas competições. Esse obstáculo tem sido o principal motivador do possível encerramento da carreira da atleta.

A quarta fase do desenvolvimento do atleta de elite é relativa à fase que alguns atletas, após conquistarem uma medalha de ouro olímpica ou em mundial, se mantêm no alto rendimento e partem para a conquista da segunda medalha. A partir desse critério, quatro atletas atendem estritamente ao conceito teórico de Durand-Bush e Salmela (2004).

As engrenagens sociais nas quais os atletas de elite estão envolvidos nessa fase são semelhantes às da fase anterior. Os aspectos mais característicos desses atletas, nesse estágio da carreira, residem na completa satisfação quanto à comissão técnica que atende às necessidades específicas das modalidades e na independência na escolha da comissão técnica, no caso do esporte individual. Além disso, a experiência favorecendo sua relação com o desafio, o foco como resultado de seu aprimoramento, a regularidade do intercâmbio, a participação de alto nível fora do País, a boa interação treinador-atleta e o reconhecimento do público constituem o campo favorável dessa fase.

A estrutura profissional é a única forma para se chegar a essa fase e o patrocínio individual é reconhecido como a principal fonte regular de recursos financeiros. Acerca disso, os atletas identificam que a excelência esportiva, traduzida em resultados de grande representatividade, não garante segurança para o exercício de sua profissão, pois os atletas estão submetidos a uma estrutura política e administrativa ineficiente.

Diante de todo o processo de formação e treinamento descrito em nosso estudo e do inventário de fatores influenciadores no

desenvolvimento de atletas olímpicos dos EUA — suportes e obstáculos— de Gibbons et al. (2003), destacaram-se, em concordância com nossa pesquisa, os aspectos relativos ao suporte da família e amigos, à qualificação dos treinadores, ao amor ao esporte, às condições de competitividade e treinamento, ao gosto pelo treino forte e ao suporte financeiro estável.

Os atletas americanos reconhecem o aspecto do talento natural como um dos dez mais importantes fatores de sucesso, mas os atletas brasileiros, embora o reconheçam, não o evidenciaram como um dos principais aspectos. Diferentemente do costumamos observar no futebol, esporte em que a celebração de um dom natural parece mais evidente no conjunto de crenças que o próprio treinamento, os atletas de nossa amostra apontam para o oposto, valorizando o treinamento e subavaliando o talento natural. Sugerem assim a hipótese de posicionamento cultural de resistência aos métodos de descobrimento de talentos em crianças e adolescentes através de teste de aptidão física, pois a crença no sujeito treinado supera prognósticos, positivos ou negativos, de um sujeito não treinado. Além disso, podemos inferir que a qualificação dos dirigentes do esporte e um sistema de preparação de longo prazo são fatores mais relevantes em nosso contexto que os relacionados ao talento natural.

Nem a questão da identificação do talento nem a conquista da *performance* de excelência foram observadas dentro de um sistema de desenvolvimento ou projeto de descoberta de valores esportivos. As identificações a respeito desse tema estão atreladas à prática, que se encaminhou pelo gosto, pela orientação de família, amigos e professores de educação física. Além disso, podemos inferir que os atletas são avaliados, basicamente, a partir de seu desempenho em competições. Os atletas apontam suas crenças, quanto à conquista de *performance* de excelência, para o desempenho em treinar e a disciplina, minimizando a questão do talento natural e destacando a necessidade de um sistema de preparação de longo prazo (ERICSSON; SMITH (Eds.), 1991; PLATONOV, 2004).

A existência de uma personalidade de atleta está representada nas crenças de diferentes tendências para as escolhas de esportes individuais e coletivos, assim como na crença de

uma “competitividade nata” ou um “gosto nato” pelo treinamento relacionado à motivação para o esporte, objetividade, disciplina, liderança (SALMUSKI, 1992). A trajetória esportiva dos atletas mostra que suas relações com o esporte se intensificam pela prática (SINGER, 1977).

A qualificação dos treinadores e a relação atleta-treinador, a partir da fase de especialização, são fatores salientados pelos atletas de nosso estudo e na literatura consultada. A questão central em nosso caso é relativa à reivindicação do aperfeiçoamento dos treinadores num rol de exigências quanto a seus conhecimentos e prática, ao nível de excelência igual ao dos atletas. A relação entre os dois atores é ponto capital para o desenvolvimento do atleta de elite em todas as fases, mesmo que os termos dessa relação se modifiquem, como a mudança das exigências da figura de um treinador líder e companheiro para a figura do treinador com qualificação de excelência (DURAND-BUSH; SALMELA, 2004).

Acreditamos que pontos importantes para a descrição do campo do esporte como as questões acerca do direito esportivo, da relação com a mídia, do aperfeiçoamento da arbitragem e da incidência da tecnologia no aperfeiçoamento da *performance* esportiva, reúnem aspectos importantes para esse tipo de pesquisa. Contudo, estes não emergiram espontaneamente ou tiveram pouca impressão nos depoimentos do grupo de atletas entrevistados. Outro fator que não apareceu nas entrevistas de forma espontânea foi a representação da nação como motivador da ação dos atletas, apesar de esta ser uma categoria comumente relacionada ao desempenho de atletas em competição, principalmente quando redundam em medalhas.

Em vista do exposto, podemos inferir que, apesar de termos um tecido “anormal”, composto de diferenças coerentes com contextos sociais díspares, observou-se que etapas e fatores centrais incidentes no desenvolvimento do atleta de elite no Brasil coincidem com os relatados pela literatura especializada a partir do tecido “normal”. Acreditamos que os resultados obtidos diante de uma estratégia de pesquisa qualitativa de ampla abordagem permitirão tanto interpretar outros dados quanto planejar um escopo de pesquisas inferencialmente válido a partir de um questionário estruturado. Pretendemos que este seja nosso passo futuro.

---

**SPORTING FORMATION: THEORY AND VIEWS OF THE ELITE ATHLETE IN BRAZIL**
**ABSTRACT**

This paper describes the athletes' development "tissue", comparing it to the "ideal". The description was based on four phases of the elite athlete's development (DURAND-BUSH; SALMELA, 2004), crossed with the sporting preparation system, organization and bases (PLATONOV, 2004). It highlights factors which acted along the interviewed athletes: family, the binomial school-club and the physical education teacher's participation in sports specialization, and the recognition of the relation trainer-athlete, due to the requirements of technical and tactics improvement. The full satisfaction of athletes during the maintenance phase is recognized. Sport's management proved to be an obstacle: the way athletes are evaluated was based on their performance in competitions, since the initiation phase. Brazilian athletes, although they recognize it, did not rank talent as one of the most important aspects. Despite being subject to an informal and discontinued process, it was noticed that stages and factors that influence the elite athlete's development are similar to the ones reported by specialized literature.

**Key words:** Elite Athlete's Development Factors. Preparation System. Sports Management.

---

**REFERÊNCIAS**

BAKER J. et al. Nurturing sport expertise: factors influencing the development of elite athlete. **J Sports Sci & Med**, Bursa, v. 2, p. 1-9, 2003.

BLOOM, B. S. **Developing talent in young people**. New York: Ballantine, 1985.

COTÉ, J. The influence of the family in the development of talent in sport. **Sport Psychol**, Champaign, v. 13, p. 395-417, 1999.

DURAND-BUSH N.; SALMELA J. The Development Maintenance of Expert Athletic Performance: Perception of World and Olympic Champions. **J App Sport Psychol**, v. 14, p. 154 -171, 2002.

ERICSSON K. A., SMITH J. (Eds.) **Toward a general theory of expertise: prospects and limits**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

GAYA A. et al. **Talento esportivo: estudo de indicadores somato-motores na seleção para o desporto de excelência**. Disponível em: [http://portal.esporte.gov.br/arquivos/sneat/talento\\_esportivo/base\\_teorica\\_talento\\_esportivo\\_desporto\\_excelencia.pdf](http://portal.esporte.gov.br/arquivos/sneat/talento_esportivo/base_teorica_talento_esportivo_desporto_excelencia.pdf). Acesso em: jan. 2005.

GAYA, A. Projeto Esporte Brasil, Ministério do Esporte. Disponível em: [http://portal.esporte.gov.br/arquivos/sneat/talento\\_esportivo/proesp\\_br.pdf](http://portal.esporte.gov.br/arquivos/sneat/talento_esportivo/proesp_br.pdf). Acesso em: Jan. 2005.

GIBBONS, T. et al. **Olympians describe the success factors and obstacles that most influenced their Olympic development**. Disponível em: <http://www.usolympicteam.com/>. Acesso em: Nov. 2003.

GILBERT W.; TRUDEL, P. Framing the construction of coaching knowledge in experiential learning theory. **Sociology of Sport.**, 1999. Disponível em <http://physyed.otago.ac.nz/sosol> . Acesso em Jan. 2005.

GOULD, D. ; DIEFFENBACH, M.; MOFFETT A. Psychological characteristics and their development in Olympic champions. **J App Sport Psychol**, v. 14, no. 3, p. 172-204, 2002.

GOULD, D.; DIEFFENBACH, M.; MOFFETT A. The Development of psychological talent in U.S. Olympic Champions. Disponível em: < <http://ed-web3.educ.msu.edu/ysi/articles/USOCTalentDevelopment.pdf>>. Acesso em: jan. 2005.

LOPES V.; MAIA J. Períodos críticos ou sensíveis: revisitar um tema polêmico à luz da investigação empírica. **Rev Paul Educ Fís**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 128-40, 2000.

MORAES L.; RABELO A.; SALMELA J. Papel dos pais no desenvolvimento de jovens futebolistas. **Psicol Reflex Crít**, Porto Alegre, v.17, n. 2, p. 211-222, 2004.

PEREZ RAMIRES M. Caracterización del entrenador de alto rendimento deportivo. **Cuadernos de Psicología del Deporte**, Murcia, v. 2, no. 1, 2002.

PLATONOV V.N. **Teoria geral do treinamento desportivo olímpico**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SAMULSKI, D. M. **Psicologia do esporte: teoria e aplicação prática**. Belo Horizonte: UFMG, 1992.

SINGER, R. N. **Psicologia dos esportes: mitos e verdades**. São Paulo: Harper & Row do Brasil, 1977.

STARKES J. L.; ERICSSON K. A. (Eds.) **Expert performance in sports: advances in research on sport expertise**. Champaign: Human Kinetics, 2003.

Recebido em 15/8/06  
Revisado em 15/11/06  
Aceito em 2/12/06

---

**Endereço para correspondência:** Lila Peres. Rua Tenente Marques de Souza, 70, Tijuca, CEP 20530-006, Rio de Janeiro-RJ, Brasil. E-mail: professoralilaperes@hotmail.com